

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXXI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1992

BIERS (W.R.), *Art, Artefacts, and Chronology in Classical Archaeology*, London, 1992; pp. 105 figs 26. GB £ 7.99.

Mesmo que este pequeno livro seja dirigido aos estudantes de Arqueologia e ao público em geral, é um volume do qual o arqueólogo ainda pode beneficiar muito. Às vezes, faz bem aos «sábios» voltar ao primeiro ano da escola primária, não só para verificarem que 2×2 continua a ser 4, ou para reflectir um pouco porque é que sempre dá 4, mas também para assegurar que é 4 nas contas de todos nós. O pequeno volume de Biers é um daqueles que nos agarra pela mão e nos leva outra vez aos inícios dos nossos estudos escolares, para nos trazer, passo a passo, ao presente, através dos mistérios e das trepidações da estratigrafia e da cronologia. Confronta-nos com os conceitos e as teorias que fazem parte do nosso trabalho de todos os dias e que já aceitamos, há muitos anos, como «as leis» da arqueologia. Faz bem ser forçado a reflectir, mais uma vez, sobre estes assuntos.

No primeiro capítulo, o autor define o que é a Arqueologia — os seus objectivos e a sua tecnologia — para assegurar que estamos todos entendidos sobre a sua definição. Também se interroga sobre quais as possibilidades e limitações da Arqueologia, o que podemos esperar documentar ou clarificar com o nosso entusiasmo em fazer escavações. E será mesmo necessário praticar Arqueologia? Afinal, da Antiguidade sobreviveu um grande conjunto de literatura que nos ensina sobre a história, a política e as guerras, o quotidiano e a vida religiosa dos povos gregos e romanos A resposta do autor é um «sim» sem reservas.

Depois de analisar estes problemas, Biers explica-nos os conceitos mais básicos (por exemplo, a diferença entre cronologia relativa e absoluta) e faz-nos reflectir sobre as datas e cronologias convencionais que usamos como pontos de referência no grande desfile humano.

Para tratar do conceito de cronologia igualmente temos que estar de acordo como se regista a passagem do tempo. O segundo capítulo trata dos vários calendários usados durante uns trinta séculos e lembra-nos como chegámos ao calendário gregoriano hoje em dia usado por quase todo o mundo (p. 15).

No capítulo 3, o autor esboça a ideia geral da estratigrafia, o conceito «last in, first out» — o último a entrar é o primeiro a sair — e, no entender de Biers, ninguém «apaga a luz» que ilumina a estratigrafia. Mas, logo de seguida, chama a nossa atenção para todas as possíveis chicanas que nos podem enganar, desde os grandes terramotos até um ratinho a fazer ninho. Aborda os limites cronológicos (*terminus ante quem* e *terminus post quem*) e o perigo de se designarem certos objectos como «heranças», que é o recurso mais fácil dos arqueólogos quando confrontados com objectos considerados mais antigos que o restante conteúdo de um depósito que gostariam tanto afirmar estar «selado» (p. 20).

Avisa-nos do que nós também já várias vezes afirmámos: os objectos de todos os dias, uma vez assumidos a forma e o aspecto mais utilitário, não se modificam muito mesmo durante vários séculos (p. 25). São raros os casos em que podemos formular uma evolução nestas formas ou acertar uma cronologia relativa neles.

Biers oferece exemplos da arte clássica em que, com efeito, foi possível estabelecer a sua evolução cronológica. São o capitel da ordem dórica, que, dentro das

suas normas estritas e rígidas, ainda mostra variações derivadas da origem geográfica, a qualidade da pedra e a capacidade do escultor, além da evolução histórica (p. 31-34). Outro exemplo é o *kouros*, a partir do qual o autor demonstra as forças fundamentais que provocam a evolução durante vários séculos, enquanto que a sua cronologia relativa sempre continua de certo modo duvidosa. Insiste que é na observação do arqueólogo que as sequências na evolução dos objectos de arte estão determinadas (p. 46).

Ao falar dos vasos pintados de Corinto, apenas toca num assunto que nos parece de extrema importância: para datar um depósito ou estrato, é indispensável encontrar material datável em quantidade significativa, um ou dois caquinhos não chegam (p. 51). Sempre existe o perigo de o arqueólogo «ajeitar» a evidência, possivelmente mesmo sem estar consciente disso, para a fazer condizer com os textos históricos, a sequência e datação do quadrado ao lado, ou outros preconceitos. Aliás, com uma carência de testemunhos datáveis é ainda pior (p. 63).

O autor trata a fundo os pormenores da evolução das lucernas da ágora de Atenas (p. 55-57) e dos pesos de tear de Corinto (p. 54). Mostra as etapas que as formas destes objectos do quotidiano, quase sempre encontrados em quantidade em todas as escavações, percorrem durante os séculos. Um tratamento ainda mais pormenorizado teria sido uma boa lição para avaliar a evolução de objectos do quotidiano em geral para os estudantes de Arqueologia. Afinal, achar o fragmento de uma lucerna é mais corrente que encontrar um *kouros*, mesmo em Atenas...

É óbvio que os problemas da cronologia absoluta (capítulo 4) são os mais complicados em relação às épocas mais antigas. Os textos são mais raros e menos fidedignos à medida que se faz «marcha atrás» na história, enquanto que mesmo no período clássico, podem ser enganadores por terem sido escritos não na altura dos acontecimentos descritos, mas sim vários séculos mais tarde. Além disso, temos sempre que relacionar os escritos dos autores antigos com as circunstâncias em que viveram (p. 62). Porém, os historiadores modernos, em conjunto com os arqueólogos, conseguiram estabelecer uma sequência histórica com vários pontos de referência de datas absolutas. Uma sequência que geralmente é aceite pelos peritos, mas que, continuamente, tem que ser testada com os novos achados e, subsequentemente, rectificada.

Biers demonstra, usando a sepultura de Vergina como exemplo, como uma pequena alteração ou dúvida na cronologia de um estrato de uma outra escavação qualquer, ou uma mudança na sequência relativa de uma forma cerâmica banal, pode provocar consequências de grande alcance nas nossas conclusões finais (capítulo 5).

A mensagem mais importante e valiosa desta obra é que todos os arqueólogos devem ser conscientes e estar dispostos a modificar e alterar os seus preconceitos, ou seja, as cronologias, tanto as relativas como as absolutas, que constituem o ponto inicial de quase todos os nossos estudos. Todos os arqueólogos estão, sem dúvida, conscientes desta necessidade, mas, de vez em quando, vale a pena ... voltar ao primeiro ano da escola primária e começar de novo com os nossos trabalhos para verificar se 2 x 2 sempre continuam a ser 4.

JEANNETTE U. S. NOLEN